

HUB prevê reinício de tratamentos para 2008

ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

Equipamentos de última geração usados no tratamento de câncer vão continuar encaixotados, em um galpão, no Hospital Universitário de Brasília (HUB) pelo menos até maio de 2008. Esta é a nova previsão da Universidade de Brasília (UnB) para o término das obras do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon), paralisadas desde junho do ano passado. O contrato com a empresa vencedora da licitação deve ser assinado em novembro. A partir de então, a construtora terá 180 dias para concluir o centro que deveria ter sido entregue em fevereiro deste ano.

"A doença é dolorosa. Mas o sofrimento que a gente enfrenta para ter o tratamento, as humilhações, decepções, isso dói mais". O desabafo é da dona-de-casa Ana Maria da Silva, 41 anos, moradora de Formosa (GO). Durante um ano ela viveu o pesadelo de ter o marido, o agricultor Adelmiro Borges, 48, desenganado pelos

médicos por causa de um câncer de estômago. Ele tinha de fazer 25 sessões consecutivas de radioterapia. Demorou 60 dias. "Depois da primeira sessão, em uma quarta-feira, o equipamento quebrou. Só fiz a sessão de novo uma semana depois. Teve vez de a máquina ficar quebrada 15 dias", lembrou, emocionado, o agricultor.

A rede pública de saúde só tem um equipamento para fazer esse tipo de tratamento. Atualmente, está sobrecarregado. Funciona em três turnos e quebra facilmente. O outro está na rede particular. Por essa e outras razões é tão importante que os equipamentos do HUB sejam instalados, mas isso depende da construção do Cacon. Para concluir os 50% restantes do centro, a construtora encarregada da obra receberá cerca de R\$ 2,2 milhões. Segundo o Tribunal de Contas da União (TCU), os serviços foram orçados em R\$ 2,5 milhões. O Ministério da Saúde teria repassado R\$ 2.394.284,84, dos quais, 1.831.086,16 já teriam sido aplicados no centro.

TCU

Nem mesmo a determinação do Tribunal de Contas da União para que o Instituto Nacional do Câncer cedesse os equipamentos temporariamente para unidades de saúde do DF foi cumprida. A decisão do TCU é de setembro. Mas até hoje, nada mudou. 29 de agosto de 2007, ele disse que o destino dos equipamentos era mesmo o Hospital Universitário de Brasília e que eles ficariam exatamente onde estavam.

A postura do Inca é duramente

criticada pelo procurador do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União, Marinus Marsico. "Não entendo como o Inca, mesmo com o embargo da obra, manteve a entrega dos equipamentos ou porque não cumpre o contrato".

A ociosidade de equipamentos modernos, como o acelerador linear, o sistema de braquiterapia de alta dose e o sistema de teleterapia em 3D (leia quadro abaixo), revolta doentes e entidades de apoio aos portadores de câncer. A

vice-presidente do Movimento de Apoio aos Pacientes com Câncer (MAC), Lílian Rejane Müller, afirma que é revoltante saber mulheres com câncer de colo do útero poderia ser amenizado e não é. "Hoje, elas ficam isoladas por 36 horas seguidas, na mesma posição para receber a radiação. Até necessidades fisiológicas, fazem na cama. Se o sistema de braquiterapia de alta dose não estivesse encaixotado, se funcionasse, o tratamento seria feito em 20 minutos", critica Lílian.

DESPERDÍCIO

ACELERADOR LINEAR

- Custou R\$ 1.689.213,31. Só existe um similar no Hospital de Base. Mas é antigo, está sobrecarregado e volta e meia quebra. O acelerador é responsável pela produção da energia das radiações usadas na radioterapia. Hoje há duas técnicas diferentes de

aplicação — a braquiterapia e a teleterapia. A indicação da técnica depende da localização do tumor. Para cada forma de radioterapia há um aparelho diferente. As versões mais modernas existentes no país estão no galpão do HUB há mais de três anos

BRAQUITERAPIA

- É a forma mais avançada de braquiterapia. O aparelho custou R\$ 613.854,79. Chegou ao HUB em 30 de maio de 2005. Os aparelhos ficam em contato com o organismo do doente. Os médicos colocam uma espécie de semente

radioativa numa área específica castigada pelo câncer e só ali são emitidas radiações para destruir as células cancerígenas. A braquiterapia serve para tratar tumores da cabeça, do pescoço, das mamas, do útero, da tireoide e da próstata

TELETERAPIA EM 3D

- É uma técnica moderna que não existe na rede de saúde pública do DF. Foi criada para aliviar os efeitos colaterais da radioterapia e restringir as áreas do corpo atingidas pelas radiações. Equipamento do HUB custou R\$ 188.108

Paulo H. Carvalho/CB



ANA MARIA (E) E O MARIDO, ADELMIRO: RECLAMAÇÕES E MEDO DO RETORNO DA DOENÇA MARCAM COTIDIANO DE PACIENTES

Mais de 4 mil casos

Enquanto o Cacon não sai do papel, uma estatística assustadora ronda a Secretaria de Saúde. De acordo com o titular da pasta, José Geraldo Maciel, até o fim de dezembro, o total de novos pacientes com câncer diagnosticado este ano chegará a 4,5 mil. A esses novos doentes, juntam-se um batalhão de outros 4 mil pacientes (número oscila de acordo com o tipo e tempo de tratamento) da rede pública de saúde com a mesma doença, dos quais cerca de 2 mil poderiam estar se tratando no HUB se os equipamentos estivessem funcionando.

Não bastasse o impacto do diagnóstico ou os efeitos colaterais da radiação, os doentes ainda precisam conviver diariamente com a falta de medicamento e uma longa fila de espera para radio e quimioterapia de até 30 dias. É o caso de Elizabeth Rodrigues, 33 anos. Depois de passar por duas cirurgias o médico prescreveu seis sessões de radioterapia. Na primeira vez, faltou o medicamento. A mãe dela, a vendedora Zenir Oliveira Jacome, 52, recorreu ao Ministério Pú- blico. Agora, quando só falta uma dose para o fim do tratamento, ela enfrenta a mesma angústia. "Eles dizem que não tem a medicação. Já atrasou 15 dias. É horrível. Eu só penso que a doença vai voltar, vai voltar a qualquer momento", relata Elizabeth. (AB)